

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16528 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 19 - Educação e Arte

PERCURSOS ENTRE ARTE, FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

Luciana Gruppelli Loponte - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL/FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Daniel Bruno Momoli - Universidade Federal de Pelotas

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

PERCURSOS ENTRE ARTE, FORMAÇÃO DOCENTE E PRÁTICAS ARTÍSTICAS CONTEMPORÂNEAS

RESUMO: O trabalho apresenta pesquisa que investiga processos formativos de docentes de educação básica que atuam em distintas áreas do conhecimento, apostando que estes podem ser mobilizados esteticamente, a partir do encontro com práticas artísticas contemporâneas, ampliando os modos de compreender as escolas, seus processos cotidianos e as práticas pedagógicas. Neste trabalho específico, apresentamos discussões referentes ao primeiro movimento da investigação em curso: a problematização conceitual de processos de formação continuada docente instigados por práticas artísticas contemporâneas, com ênfase naquelas que atuam em sua potência micropolítica, em especial, ligadas à produção de diferenças e alteridade, para pensar de maneira mais aberta os modos de docência de nosso tempo. Nesta direção, pretende-se ampliar a produção de conteúdo sobre práticas artísticas contemporâneas em linguagem acessível para docentes no site do grupo, ação que é intensificada na atual pesquisa com a criação de percursos que tematizam questões importantes da vida em sociedade e da relação com os outros com o intuito de expandir os campos de relação na educação da atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Arte. Formação Docente. Práticas artísticas contemporâneas,

O trabalho apresenta pesquisa que investiga processos formativos de docentes de educação básica que atuam em distintas áreas do conhecimento, apostando que estes podem ser mobilizados esteticamente, a partir do encontro com práticas artísticas contemporâneas, ampliando os modos de compreender as escolas, seus processos cotidianos e as práticas pedagógicas. Busca-se avançar em relação ao trabalho já desenvolvido em pesquisas anteriores do grupo de investigação, a partir de intervenções formativas com base em percursos temáticos construídos a partir de produções artísticas contemporâneas que instigam a problematização de temas que permeiam o campo educacional na atualidade. Neste texto específico, apresentamos discussões referentes ao primeiro movimento da investigação em curso: a problematização conceitual de processos de formação continuada docente instigados por práticas artísticas contemporâneas, com ênfase naquelas que atuam em sua potência micropolítica, em especial, ligadas à produção de diferenças e alteridade, para pensar de maneira mais aberta os modos de docência de nosso tempo. Nesta direção, pretende-se ampliar a produção de conteúdo sobre práticas artísticas contemporâneas em

linguagem acessível para docentes no site do grupo, ação que é intensificada na atual pesquisa com a criação de percursos que tematizam questões importantes da vida em sociedade e da relação com os outros. Para embasar a construção de tais percursos, apresentamos a seguir os principais movimentos conceituais que estão em jogo na investigação: pesquisa e arte; docência, escola e formação; arte, estética, práticas artísticas contemporâneas e educação.

Se a arte é um dos principais mobilizadores dessa investigação, não seria diferente na maneira de pensar também os modos de pesquisar. Há algum tempo temos nos aproximado de modos de investigação baseados em arte (DIAS, IRWIN, 2003; HERNÁNDEZ, 2013). É uma aproximação interessada, ao mesmo tempo que crítica. No entanto, mais do que buscar metodologias já prontas, entendemos que tais caminhos podem nos inspirar a criar a partir dos diferentes contextos de pesquisa. Neste sentido, no grupo de investigação já temos realizado algumas experimentações metodológicas em torno da arte, como pesquisas que utilizaram residências artísticas como modo de aproximação com escola ou estudantes e professores de licenciaturas em arte; criação de fotodiálogos entre crianças de dois países distintos; a obra de um artista coletor de vestígios para pensar as cenas de uma escola ou a produção de imagens artísticas especialmente para uma pesquisa envolvendo gênero e feminismo na educação. Acreditamos que a pesquisa realizada no âmbito da educação pode estar contaminada por uma atitude estética e artística, repercutindo na formação docente para a educação básica no Brasil. Este modo de pesquisar e produzir dados para uma pesquisa envolvendo arte é fundamental, por exemplo, para instigar e perceber os processos reflexivos que podem emergir de grupos focais com docentes (etapa posterior da pesquisa), explorando e criando formas de registro que fujam dos padrões tradicionais utilizados em pesquisas qualitativas mais comuns, tais como diários de campo somente escritos, por exemplo.

Na contramão de processos aligeirados e reducionistas de formação, entendemos que a formação pode ser ancorada por uma dimensão estética, maleável aos acontecimentos, aberta ao inesperado, às dissonâncias humanas e à diferença. Tal postura ética, estética e política não é alheia aos ataques constantes ao exercício da docência e às políticas públicas educacionais que, frequentemente, colocam a docência no lugar de culpada ou sem a competência necessária para lidar com os problemas crônicos da educação brasileira. Enquanto a solução encontrada para a educação e formação docente através das políticas públicas, com financiamento e incentivo de fundações privadas, alinha-se a um movimento reformista da educação (MACEDO, 2019), entendemos que todo o discurso, aparentemente hegemônico, tem seus limites e fraturas. A escola e os seus processos formativos são mais amplos do que pode almejar o modelo de competências mensuráveis ou das comparações baseadas em resultados de testes de larga escala, que tornam qualquer educação singular e inventiva impossível. A arte, a cultura, a dimensão estética da vida e do que consideramos demasiadamente humano não estão no escopo de parâmetros desejáveis, de certa performatividade e produtividade calculadas e dos rankings comparativos, mas ainda estão ali, pulsando e resistindo. Concordamos com Macedo (2019) que há uma intensa luta pela frente – o que já sabemos há tempos –, mas sabemos também que “sempre é possível

perturbar os consensos políticos” (MACEDO, 2019, p. 43). Ressaltamos também o nosso compromisso com a escola e com a educação básica, especialmente a educação pública gratuita e de qualidade socialmente referenciada, pensando-a a partir do campo artístico em um movimento de fazer educação com arte e arte com a educação.

Articular educação e arte nessa perspectiva tem sido uma estratégia encontrada em alguns dos referenciais comuns às discussões a respeito da “virada educacional” no campo das artes (ALLEN, 2011; ROGOFF, 2008), em que torna-se possível pensar em soluções para a crise educacional através de estratégias forjadas em museus, instituições culturais ou instituições não-formais que, sem dúvida, são meritórias e fundamentais. No entanto, há implícito em alguns desses discursos certa repulsão a educação escolar ou a própria forma escolar, cujo formato engessado não permitiria maiores transformações. Há de se considerar, certamente, no cerne deste movimento, especialmente na Europa, a tentativa de contraponto às demandas do Processo de Bolonha, e a vontade de pensar a educação de forma não reativa aos problemas do mundo, sem se envolver em tudo o que há de errado com a educação, nas palavras de Rogoff (2008, p. 39). No Brasil, não estamos imunes a estas pressões e, pelo contrário, a crise instalada na educação do país só se acirrou com a pandemia.

Se acreditamos que “ainda vale a pena lidar com o futuro do nosso mundo e das gerações vindouras nesse modo *pedagógico* que chamamos escola” (MASSCHELEIN, SIMONS, 2017, p. 23), acreditamos na formação docente que pense e vibre com os possíveis desse espaço, entendendo que a arte e suas estratégias de experimentação também podem compor este cenário.

Ressaltamos aqui o quanto entendemos arte a partir de uma relação pouco usual com educação. Temos nos aliado a autores que nos ajudam a pensar a noção de arte e a estética de forma expandida, não restrita a produção e contemplação de objetos artísticos, mas afeita a própria vida de cada um, tal como indagam, cada um a seu tempo, Nietzsche (2003) e Foucault (1995).

No campo da educação, nos interessa a aproximação entre ética e estética, tal como já vem defendendo Nadja Hermann (2005, 2014) há algum tempo. A pesquisadora, a partir do campo da filosofia, destaca que a experiência estética, ao provocar nossos sentidos e nossa imaginação, tem “uma força irresistível na ampliação das relações com o mundo, inclusive com a ética” (2005, p. 42). Essa relação entre estética e ética aprofunda-se ainda em direção a abertura à alteridade.

As questões apontadas por estes autores e autoras fortalecem o argumento em relação a reivindicação de que uma dimensão estética seja contemplada nos processos formativos envolvendo a docência. E esta dimensão estética tem a ver mais com uma atitude em relação à vida e ao outro do que com o aprendizado específico sobre as obras de arte ou sobre a história dessa produção. Ainda que não se possa confundir a discussão filosófica sobre estética com a produção de obras de arte, temos feito já alguns anos uma aproximação entre o

que tem sido disparado por certa produção artística contemporânea, especialmente nas artes visuais, com o campo da formação docente, já que percebemos aí a força micropolítica dessas produções (ROLNIK, 2019) e seu potencial como “experiências epistemológicas que renovam as formas de perguntar, traduzir e trabalhar com o incompreensível e o surpreendente” (CANCLINI, 2012, p. 50). São algumas dessas questões que alimentam o que temos produzido no âmbito do nosso grupo de investigação e que inclui material específico sobre as artes visuais contemporâneas endereçadas ao público docente. Tais materiais, não apresentam um programa definido ou compromisso curricular com o “ensino de”, mas tem a intenção de fazer com que docentes se sintam instigados a pensar a si mesmos e suas práticas pedagógicas a partir do encontro com produções artísticas contemporâneas, a partir de itinerários feitos com a nossa curadoria.

Os percursos têm sido construídos a partir de um compromisso que temos estabelecido com uma perspectiva que busca descolonizar a nossa relação com a arte e com as instituições do campo artístico, tais como os museus e as bienais, por exemplo. Para isso, temos empreendido dois movimentos: o primeiro movimento foi um levantamento de materiais produzidos por instituições e grupos de pesquisa com o intuito de entender os modos como são construídas as aproximações entre as produções artísticas e os distintos públicos. O segundo movimento foi a aproximação com o pensamento da cientista política, historiadora, ativista e especialista em estudos pós-coloniais, Françoise Vergès (2023), com o intuito de repensar as relações entre a arte e o mundo, de forma menos automática.

Esses dois movimentos nos permitiram estabelecer entendimentos comuns sobre os aspectos que podem compor uma proposta que não tente dirigir o pensamento das e dos docentes com interesses nesses materiais, mas que ofereçam elementos para a construção de ações nos próprios cotidianos das escolas e salas de aula, pois os percursos não se pretendem ser um material didático ou manual escolar - que ofereça uma metodologia de como trabalhar com a arte contemporânea em sala de aula. Ao contrário, buscamos abrir fissuras nos modos como são construídas as relações entre os conhecimentos tanto no âmbito da educação básica (na escola), quanto da educação profissional e tecnológica (como ocorrem nos institutos federais de educação, ciência e tecnologia), quanto na educação superior (nas mais várias instituições de ensino superior). Tais aspectos buscam evitar uma certa “pedagogização” das práticas artísticas e a estetização das práticas pedagógicas, ou seja, não se trata de propor percursos temáticos que almejam uma utilidade imediata - de ter ao final de uma atividade, um produto, uma “obra”. Ao contrário, buscamos a potencialidade dos processos artísticos como um campo ampliado de possibilidades para que as e os docentes possam realizar suas próprias traduções curriculares que articulem saberes distintos - não se restringindo ao ensino da arte.

A partir desses dois movimentos iniciais já demos início ao terceiro movimento, que consiste no desenvolvimento de dois materiais para teste. Tais materiais estão sendo construídos a partir de duas temáticas centrais para a educação na atualidade: a violência e o racismo. O percurso em desenvolvimento sobre o tema da violência foi construído com base

em materiais sobre artistas como Sidney Amaral, Jota Mombaça e Emily Jacir, além de um texto temático sobre as ficções de uma guerra. Sobre o tema do racismo, o percurso se baseia em materiais sobre artistas como Grada Kilomba, Rosana Paulino, Angelica Dass, Maxwell Alexandre, JR, além de textos temáticos sobre arte indígena contemporânea.

Até a atual fase da pesquisa, os estudos apontam para alguns aspectos que são importantes tais como a acessibilidade do material (a linguagem, a formatação e o acesso), a interatividade e a auto-instrucionalidade (os materiais estarão disponíveis em um site), a abertura para instigar a autonomia e autoria docente nos processos educativos realizado no próprio contexto da/o docente, o favorecimento de situações que estimulem o debate e a participação das pessoas envolvidas nas atividades, que seja uma proposta transdisciplinar - não limitada às áreas de conhecimento da arte.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Felicity (org.). **Education** (Documents of contemporary art). Whitechapel Gallery: London, 2011.

CANCLINI, Néstor García. **A sociedade sem relato**: antropologia e estética da iminência. São Paulo: EDUSP, 2012.

DIAS, Belidson, IRWIN, Rita (orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: UFSM, 2013.

FOUCAULT, Michel. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 253-278.

HERMANN, Nadja. **Ética e educação**: outra sensibilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

HERMANN, Nadja. **Ética e estética**: a relação quase esquecida. Porto alegre: EDIPUCRS, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias de cultura visual. In: MARTINS, Raimundo, TOURINHO, Irene (orgs.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 77-95.

MACEDO, Elisabeth. Fazendo a Base virar realidade: competências e o germe da comparação, Revista **Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, p. 39-58, jan./mai. 2019.

MASSCHELEIN, Jan, SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola**: uma questão pública. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

NIETZSCHE, Friederich. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ROGOFF, Irit. Turning. **e-flux Journal**, n. 0, nov. 2008. Disponível em: <http://www.e-flux.com/journal/turning/> Acesso em 27 de julho de 2016.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. N-1: São Paulo, 2018.

VERGÈS, Françoise. **Decolonizar o museu**: programa de desordem absoluta. São Paulo: UBU, 2023.